

**Gustavo Bernardo**  
**100 anos de Vilém Flusser**

Há 41 anos atrás, eu comprava, numa pequena livraria do Rio de Janeiro, na bancada de poesia, um livrinho chamado *Natural:mente*. O título me atraiu, porque os dois pontos no meio do advérbio “naturalmente” criavam uma ambiguidade interessante — tanto podiam significar “é natural”, quanto: “o natural mente”. Ao sugerir que o natural mente, o filósofo revela que o discurso sobre a natureza, ou seja, o discurso científico, pode mentir à sua própria revelia. Ao abrir o livro, duas surpresas: primeiro, não era um livro de poemas, mas sim de pequenos ensaios fenomenológicos; segundo, todos os ensaios se mostravam fortemente poéticos — logo, era um livro de poemas! *Natural:mente*, o livro, me conduziu aos demais livros de Vilém Flusser, levando-me a perseguir, por décadas, um pensamento-ficção que nunca se deixa capturar. Cada parágrafo, dependendo do ângulo em que se leia, ora é filosofia, ora é poesia — mas sempre se revela, antes de tudo, uma provocação para pensar. Só me restou, e é o que ainda me resta, aceitar a provocação, refinando as minhas próprias provocações ao lecionar e ao escrever.